

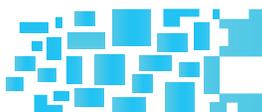
## CAPÍTULO 4

# A cooperação em um curso de licenciatura em pedagogia a distância sob o ponto de vista do tutor

Liseane Silveira Camargo e Tania Beatriz Iwaszko Marques

### Introdução

Este artigo apresenta, do ponto de vista do tutor, aspectos sobre como acontecem as relações interpessoais no curso de graduação em Pedagogia a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PEAD/UFRGS). Trata-se de uma pesquisa realizada no ano de 2010, através de entrevista com duas tutoras e que aborda o relacionamento do tutor tanto com os professores quanto com os alunos do curso. A pesquisa busca compreender o que as tutoras pensam sobre cooperação e como acham que essa acontece no curso, a partir do ponto de vista do trabalho de tutoria. Desde a proposta inicial do curso, é previsto o relacionamento entre os alunos, os tutores e os professores – além de outros profissionais, como coordenadores. Tal relacionamento é analisado neste artigo sob o ponto de vista da cooperação, com embasamento da Epistemologia Genética, trazendo como referência a obra *O juízo moral na criança* (PIAGET, 1994) e JUAN DELVAL (2002) para explicar o Método Clínico. Além disso, o artigo traz autoras que atuaram no curso durante a pesquisa, explicando o trabalho realizado na tutoria, como CARVALHO e NEVADO (2006), CHARCZUK, SEVERO e MARQUES (2009), bem como CAMARGO (2009).



## Sobre a Cooperação

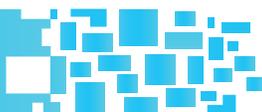
A cooperação será tratada neste estudo a partir do referencial da Epistemologia Genética, em que cooperar significa operar em conjunto. Os sujeitos necessitam de condições cognitivas, como a capacidade do pensamento operatório, para cooperar. A capacidade de operar permite que os sujeitos levem em conta mais de uma proposição ao mesmo tempo, que a conservem e a transformem. Na cooperação, o sujeito opera com o outro, é capaz de levar em conta o ponto de vista próprio assim como o ponto de vista do outro, sem que, necessariamente, sejam pontos de vista que concordem entre si.

Uma característica da cooperação é a coordenação entre os pontos de vista dos participantes de uma relação. Os sujeitos são capazes de compreender a ideia do outro, mesmo que não a aceitem. Levar em consideração outro ponto de vista não significa concordar com ele, mas, sim, buscar compreendê-lo e, a partir daí, analisar o seu próprio ponto de vista. Assim, o “sujeito se descentra do seu papel de locutor para o de ouvinte e coordena pontos de vista” (CAMARGO, 2009, p. 15). A cooperação é um tipo de relação ideal, difícil de ser alcançada.

Uma das condições para que a cooperação seja possível é a diferenciação do sujeito dos demais da relação. A diferenciação é solidária ao processo de descentração cognitiva, que possibilita que o sujeito saia do estado egocêntrico. O processo de descentração é promovido nas relações sociais.

São propostos por PIAGET (1994) dois tipos de relação predominantes: uma baseada na coação e outra baseada na cooperação. A primeira está amparada no respeito unilateral, característico da moral heterônoma, e a segunda está amparada no respeito mútuo, característico da moral autônoma.

Com relação ao objeto de estudo deste artigo, que é o trabalho do tutor e como ele entende que deva ser sua atuação no seu relacionamento com professores e alunos, a cooperação pode ser tomada como um trabalho

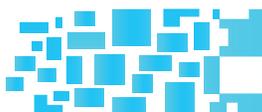


em conjunto em que ocorrem trocas de ideias, sendo esta troca um produto de reflexões que os sujeitos (tutores, alunos e professores) conseguem realizar entre si. Isso porque a troca de ideias, para considerar-se cooperação, não pode se restringir a um amontoado de informações que são reunidas. Ela precisa ir além, levarem conta a escuta do outro, trabalhar com as proposições lançadas pelo outro, sem necessariamente estar de acordo, e trazer tais proposições como conteúdo de análise das proposições que são próprias do sujeito que escuta.

Um dos pressupostos que norteia o PEAD é o da percepção da sala de aula como um espaço interativo, de criação tanto individual como coletiva do conhecimento científico (CARVALHO; NEVADO; BORDAS). Esse pressuposto prevê que haja espaço para que a cooperação aconteça. Além disso, na proposta metodológica do curso, o incentivo para a cooperação aparece como “desenvolvimento de planejamento em conjunto das atividades do semestre para garantir a desejada integração” (CARVALHO; NEVADO; BORDAS, 2006, p. 21).

## O Trabalho do Tutor

A tutoria no curso de Pedagogia a distância realizado pela UFRGS possui um papel fundamental: o de participar do vínculo entre professores e professoras-alunas. O tutor possui contato direto com elas, seja através das ferramentas virtuais, como o ROODA, *blog*, *pbworks*, entre outros, seja pessoalmente (como acontece principalmente com os tutores de polo). O grupo de tutores é dividido entre tutores de sede, que atendem principalmente a distância, e os tutores de polo, que atendem presencialmente aos alunos no local marcado para as atividades. Todo o semestre, antes do início das atividades, há formação dos tutores e nesse momento eles conhecem as propostas de todas as disciplinas e opinam na sua organização.



O trabalho do tutor permite que as atividades dos alunos tenham acompanhamento permanente. Cada tutor está relacionado a uma ou mais disciplinas do curso e cada aluno tem a liberdade de contatá-lo durante todo o processo. Ao final de cada atividade proposta na disciplina, o tutor deve ler o trabalho e dar algum retorno ao aluno, através de **comentários**. O comentário do tutor, por sua vez, está embasado nos objetivos da disciplina e da atividade proposta, que são **discutidos entre tutor e professor**. As ferramentas utilizadas para isso estão, em sua maioria, disponíveis na plataforma ROODA.

Está previsto que o tutor apoie tanto o trabalho dos professores como o dos alunos e, para isso, é capacitado para que use uma “metodologia interativa e problematizadora” (CARVALHO; NEVADO; BORDAS, 2006, p. 24), o que também estimula a cooperação.

São atribuições do tutor: comentar trabalhos realizados, corrigir avaliações, **ajudar na compreensão dos materiais utilizados no curso**, responder a questões sobre a instituição, **auxiliar no planejamento dos alunos**, fornecer informações por diferentes meios de comunicação, atualizar informações referentes ao progresso dos estudantes, fornecer *feedback* aos coordenadores tanto sobre os materiais quanto às dificuldades dos alunos, participar de encontros presenciais, e fazer parte das avaliações das professoras-alunas. Pode-se resumir, dizendo que a função do tutor é ajudar a estabelecer um vínculo entre os alunos e o curso. (CARVALHO; NEVADO; BORDAS, 2006)

A atuação exige que o tutor acompanhe as atividades realizadas, faça comentários sobre elas e participe da avaliação processual dos alunos, subsidiando a avaliação feita pelo professor. Os alunos são avaliados por meio das atividades produzidas ao longo da disciplina e também por meio do portfólio construído ao longo do semestre que serve de base de dados para a construção do portfólio final apresentado por escrito e oral em um *workshop* realizado no final de cada semestre. O tutor participa, junto com o professor,



da banca de avaliação do *workshop*, que é o espaço em que o aluno defende seu trabalho final, englobando conceitos vistos durante o semestre em todas as disciplinas. O trabalho apresentado é entregue em versão escrita.

## A Pesquisa

A pesquisa partiu da seguinte questão: como o tutor percebe a cooperação no seu relacionamento com os alunos e com os professores do PEAD dentro das interdisciplinas? A questão buscou esclarecer como os tutores pensam a cooperação e de que forma a percebem nas relações que estabelecem com as professoras-alunas e com professores. É possível, através dessa percepção, identificar como são possibilitadas as relações interpessoais previstas nos princípios e metodologia do curso. Assim, pretendeu-se: 1) Identificar o significado de cooperação para o tutor, 2) Conhecer as possibilidades de cooperação que ele (tutor) vê nas relações que estabelece com as professoras-alunas e professores e 3) Identificar quais limitações são percebidas pelo tutor para que a cooperação se realize.

Utilizou-se o Método Clínico para a realização da pesquisa. Tal metodologia prevê flexibilidade desde a coleta de dados até a análise. Com base no problema da pesquisa, foi elaborado parte de um roteiro norteador para a entrevista que possibilita acompanhar o pensamento do entrevistado através da elaboração de novas questões. (DELVAL, 2002)

A análise, qualitativa, permite que as respostas criem novas categorias de análise, além daquelas que podem ser previstas. Nesta pesquisa, a entrevistadora usou como recurso o MSN. Conforme CHARCZUK, SEVERO e MARQUES (2009, p. 5):

DELVAL (2002) destaca que a diferença do método clínico em relação a outros métodos de investigação



é que o experimentador intervém de forma sistemática frente à atuação do sujeito e como resposta às ações ou explicações fornecidas por ele. É função do experimentador analisar o que está acontecendo e esclarecer o significado. Para tanto, a intervenção deve ser flexível e sensível ao que o sujeito está falando e/ou fazendo. A intervenção é orientada pelas ações ou respostas do sujeito e deve ser guiada pela tentativa de descobrir o significado destas.

Os sujeitos pesquisados foram duas tutoras, de dois polos diferentes, que, convidadas pela pesquisadora, aceitaram participar através da assinatura de um Termo de Consentimento. Os nomes usados para a análise são fictícios para que seja mantido em sigilo o nome das entrevistadas. A entrevista clínica partiu do seguinte roteiro de perguntas: Há quanto tempo você trabalha como tutor no PEAD? Em quantas interdisciplinas já atuou como tutor? Como você caracteriza o trabalho do tutor com relação ao seu papel frente aos professores? E frente aos alunos? Como você percebe a sua participação frente aos alunos? E aos professores? Como você percebe a participação dos professores no seu trabalho como tutor? Como você percebe a participação dos alunos com relação ao seu trabalho? Qual a ideia que você tem sobre cooperação? Você pensa que há cooperação entre o seu trabalho e o dos professores? Você pensa que há cooperação entre sua atuação e a atividade dos alunos?

A seguir, as respostas de cada tutora, apresentadas e analisadas separadamente. As respostas de cada uma foram tratadas a partir de duas categorias: 1) a percepção sobre cooperação e 2) a percepção sobre cooperação na relação tutor, professor e alunos.

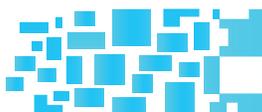


## A Percepção das Tutoras

Para a análise, partiu-se dos objetivos da pesquisa. As tutoras entrevistadas, Ana e Júlia (nomes fictícios), representam, cada uma, uma unidade de análise. A primeira unidade refere-se à compreensão do tutor sobre o que significa cooperar e o que o tutor compreende como cooperação na atuação do curso. A segunda refere-se à percepção do tutor sobre as relações estabelecidas com professores e alunos.

### Tutora Ana

Quando da coleta de dados, a tutora Ana atuava no PEAD há nove semestres. Já havia exercido a tutoria presencial e de sede. Sobre a percepção acerca da cooperação, Ana entende que cooperar é estar disponível para auxiliar tanto os professores como os alunos. Diz “*estar à disposição do professor para qualquer eventualidade que envolva o curso, criticar, no sentido de melhorar algumas questões*”. Além disso, ela afirma que há um espaço de formação das disciplinas que acontece antes do início de cada semestre e que seria “*o primeiro espaço de cooperação que temos com eles (professores)*”. É uma oportunidade de troca de informações, em que os tutores são escutados sobre a análise que fazem sobre cada atividade da disciplina proposta e entram em acordo com os professores, dialogando e muitas vezes propondo mudanças na organização da disciplina. Esta troca favorece os alunos, pois diferente da maioria dos professores que acompanham os estudantes em disciplinas específicas, os tutores muitas vezes são mantidos por vários semestres e possuem, por esse motivo, mais conhecimento sobre a turma. Quanto à cooperação com os alunos, Ana pensa que o tutor colabora quando oferece “*o suporte necessário para que os alunos possam desenvolver as atividades, seja esclarecendo o ‘conteúdo’ em si, ou facilitando o acesso aos recursos*”. Afirma também que, muitas vezes, elas confundem esse suporte com a ajuda na própria



realização da atividade, ou seja, entendem que o tutor precisa realizá-la em conjunto, esquecendo-se que *“cooperar é auxiliar, é facilitar a aprendizagem, não dar pronto, não facilitar nesse sentido”*.

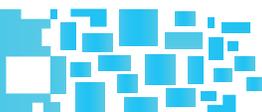
O entendimento de Ana sobre cooperação é coerente com o conceito de cooperação trazido por PIAGET (1994) quando o caracteriza como relação de solidariedade amparada no respeito mútuo. Isso explica o argumento da tutora quando refere que os alunos pensam que, para cooperar, o tutor precisa realizar o trabalho em conjunto. Na verdade, como a própria tutora destaca, o auxílio se dá no esclarecimento da tarefa e não na atividade executada pelo tutor. O tutor é solidário na sua função.

Sobre a relação com professores e alunos, Ana considera que o papel do tutor é o de servir como *“uma ponte, uma ligação entre o curso em si, professores e alunos”* e vê a atuação do tutor como *“um dos principais articuladores de todo o processo (educativo)”*. Nesse sentido, ela entende que o professor é aquele que conhece o conteúdo da disciplina e o tutor é quem, necessariamente, deve dominar as ferramentas que dão suporte ao trabalho docente além de estar disponível aos alunos. O trabalho deve ser de parceria. Assim, *“o tutor é um parceiro, seria o elo do professor com os alunos, porque a maioria dos professores não domina as tecnologias usadas no PEAD, dominam a estrutura da disciplina em si, mas não dominam as outras atividades que envolvem o PEAD”*. (Ana)

A cooperação estabelecida entre professor e tutor também caracteriza uma relação de respeito mútuo, em que uma função complementa a outra sem, necessariamente, estabelecer hierarquia prévia.

## Tutora Júlia

Quando da coleta de dados, a tutora Júlia atuava no PEAD há seis semestres. Já tinha atuado em cinco interdisciplinas diferentes.



Júlia entende que a cooperação vai além de ajudar e colaborar, pois para existir cooperação “é preciso que cada um ceda e remodele o seu modo de pensar”, mas acredita que no curso existia mais colaboração do que propriamente cooperação. O argumento da tutora destaca outro aspecto do conceito de cooperação trazido na Epistemologia Genética (PIAGET, 1994): o método da cooperação. Tal método é permeado pela reciprocidade entre os sujeitos envolvidos em determinada situação e na capacidade de substituírem pontos de vista. Em sua crítica, a tutora afirma que um dos motivos para a falta de cooperação está na insuficiência de tempo: *“acredito que até tenham mudanças, mas não podemos dizer que só porque têm mudanças no pensar existe cooperação. Para cooperar é preciso de tempo, coisa que não temos no PEAD”*. Quando questionada sobre a falta de tempo, já que uma das propostas do curso para o acompanhamento no tempo das atividades é a própria atuação dos tutores, Júlia argumenta que, muitas vezes, falta o tempo para conversar, pois as atividades são apresentadas dentro de um período curto e isso faz com que a demanda na realização das atividades interrompa um diálogo necessário para a cooperação. No ponto de vista de Júlia, para que o trabalho de tutoria pudesse ser ainda melhor e com mais condições para a cooperação, o número de alunos por tutor deveria ser reduzido, assim: *“acredito que estou atendendo bem aos alunos, mas acredito que para ter um auxílio de maior qualidade seria necessário diminuir o número de alunos por tutor”*.

Sobre a relação com professores e alunos, para Júlia o tutor tem “a função de auxiliar o professor a compreender o funcionamento do PEAD”, pois ele conhece mais o grupo de estudantes e o funcionamento do curso. No que tange ao atendimento aos alunos, Júlia entende que a função da tutoria é de orientação e auxílio. Sobre a orientação: *“vai desde avisar que entrou uma unidade nova na disciplina, a uma orientação por e-mail, MSN”*, diz. A relação entre tutor e professor varia muito, pois depende do profissional envolvido. Sobre isso, Júlia traz *“acredito que o professor deve orientar o tutor quanto ao que deve ser ‘cobrado’ dos alunos”* e *“têm alguns professores que orientam, estão sempre*



*atentos e junto com o tutor e outros que deixam muito aberto o trabalho, ficando bem difícil para o tutor, sem saber que caminho ele (tutor) deve seguir”.*

Em sua crítica, Júlia indica que a cooperação depende da capacidade de cooperar de cada sujeito da relação. Tal capacidade, segundo PIAGET (1994), é tanto cognitiva quanto afetiva, dependendo do nível de pensamento dos sujeitos e da descentração cognitiva, assim como do desenvolvimento moral e da capacidade de estabelecer respeito mútuo.

## Considerações Finais

A questão de pesquisa proposta “Como o tutor percebe a cooperação no seu relacionamento com os alunos e os com professores do PEAD dentro das interdisciplinas?” é respondida entendendo-se que a cooperação, conforme a Epistemologia Genética propõe (como coordenação de pontos de vistas), aproxima-se da compreensão apontada pelas tutoras. A tutora Júlia traz a ideia de que cooperar “remodela o pensamento”. A percepção que as tutoras têm sobre a compreensão dos alunos é de que cooperar se aproxima de “auxiliar” e “colaborar”. A cooperação seria facilitada se houvesse mais tempo de conversa entre os participantes da relação e se o número de alunos por tutor fosse menor. Além disso, com relação à comunicação entre tutor e professor, a cooperação é mais facilitada quando o professor se mostra mais atuante, orientando o trabalho do tutor e permitindo que exista troca de ideias. Tal “facilidade” pode ser promovida pelo professor, pois é ele quem determina como será feita a avaliação e quais pontos devem ser mais explorados nas atividades. Segundo as tutoras, podem partir do tutor a troca de ideias e a provocação pela relação de cooperação, mas isso dependerá da aceitação do professor em receber tais ideias. Um participante da relação não “coopera” sozinho, pois cooperar é um tipo característico de relação. Por isso, é possível diferenciar cooperação de auxílio ou ajuda que são ações possíveis de se realizar sozinho.



## Referências

CHARCZUK, S.; SEVERO, D; MARQUES, T. **A utilização do MSN como ferramenta para realização de entrevistas baseadas no método clínico piagetiano**, 2009. Disponível em [http://forum.ulbratorres.com.br/2009/mesa\\_texto/MESA%204%20A.pdf](http://forum.ulbratorres.com.br/2009/mesa_texto/MESA%204%20A.pdf). Data de acesso junho de 2010.

CAMARGO, Liseane S. **A noção de cooperação na criança**. Projeto de Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS/PPGEDU. No prelo, 2009.

CARVALHO, M; NEVADO, R; BORDAS, M. **Guia do tutor – Licenciatura em Pedagogia a distância Anos Iniciais do Ensino Fundamental (PEAD)**, 2006.

DELVAL, Juan. **Introdução ao método clínico: descobrindo o pensamento das crianças**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIAGET (1932). **O juízo moral na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

